

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



II SERIE—N.º 717 15 c.
17 de Novembro de 1919

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRACA
Propriedade de SILVA GRACA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 15 ctv.
Numero avulso em todo o Brazil, 700 réis.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre 1\$90 ctv.
Semestre 3\$75 »
ANO 7\$50 »

Redacção, administração e officinas: Rua do Seculo, 43 — LISBOA

DEPILATORIOS DA "Perfumaria da Moda"

"Figaro", depilatorio progressivo, especial para tornar invisiveis os pêlos do buço e do rosto das senhoras. Tira-lhes a côr e com o uso prolongado fal-os pouco a pouco desaparecer.

Frasco..... 800 réis.

"Depilatorio Concentrado" um dos poucos preparados no genero, que tira os pêlos em 3 minutos sem irritar nada a pele. Opera perfeitamente e não ha a temer nenhuma irritação. E' magnifico para as peles delicadas.

Caixas grandes a..... 1\$200 réis.
De tamanho médio..... 600 "

"Depilatorio Maria", destinado a tirar os pêlos dos braços e do corpo. Não magnifico. Basta passar este liquido ao longo da pele, os pêlos caem instantaneamente. E' um bom preparado para o efeito.

Caixa..... 1\$200 réis.

5—Rua do Carmo—7
LISBOA

ESPECIALIDADE

EM PRODUTOS DE BELEZA

Vêr na proxima quarta-feira o

Suplemento de Modas & Bordados (DO SÉCULO)

Preço: 3 centavos

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 as 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, prédio esq. na)

M. ME Tula

Campe Grande, 264, 2.º — LISBOA



Trabalhos só pelo Bem



Esclarece todos os assumptos. Cura obsessões de Espiritos e mal occulto, por espiritismo e magnetismo: realisa casamentos, harmonisa perturbações domesticas entre casados ou zangas entre namorados, etc., conduzindo pelo melhor caminho para chega: ao fim desejado e á Felicidade. Consultas a 2\$500, 5\$000 e 10\$000. Enviar 200 para resposta de carta.

GABINETE DENTARIO

Direcção Clínica de Mario Duarte

Praça dos Restauradores, 13.

Tellex. 3300 e 3652 — LISBOA

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Ações..... 300,000\$000

Obrigações..... 288,000\$000

Fundos de reserva e amortização..... 300,000\$000

Escudos..... 1,000,000\$000

SEDE EM LISBOA, Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Loud) Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva da mais importantes companhias e empresas nacionaes. — Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua da Princesa, 270. PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 51. — Endereç telegraphico em Lisboa e Porto: — Companhia Prado. — N.º telef.: Lisboa, 605. Porto, 117

Reconstituinte
Alimento Phosphatado

BANANINE MIALHE

Creanças, Convalescentes,
Tratamento das enterites
8, Rue Favart, Paris

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 717

Lisboa, 17 de Novembro de 1919

15 Centavos

CRONICA

CAUTELA...

Em vista das revelações que ultimamente tem vindo a publico e que não são senão a confirmação do que ha muito se sabia geralmente, é licito perguntar se teremos de desconfiar a toda a hora do nosso semelhante — se assim podemos chamar a quem tão pouco se parece conosco, as pessoas honestas.

São os escandalos do extinto ministerio das Substancias, são os furtos dos Caminhos de Ferro, emfim, os assaltos á bolsa do cidadão, sob todas as formas conhecidas, desde as violencias bruscas do galuno ás sorridentes exigencias de quem nos vende generos com lucros fabulosos ou á manhosa abstenção de quem os não vende, á espera de melhor occasião.



Dir-se-ha que este triste sudario não é privilegio nosso: concordamos, mas o que não julgamos possível, fóra de Portugal, é a, por assim dizer, consagração official do furto ou do roubo. Em tempos, quando dos primeiros ensaios que haviam de levar á supressão do referido ministerio, determinou-se superiormente que pouco a pouco fossem exonerados os seus funcionarios «a começar pelos que tivessem cadastro»; lê-se nos documentos de expedição de mercadorias por linha ferrea, que as direcções não garantem a entrega dos volumes despachados; até nos hotéis ha letreiros aconselhando os hospedes a que não deixem valores nos aposentos, porque os donos d'essas casas se não responsabilizam por eles... Assim, o Estado concorda em que nomeou para o servir, individuos sem certidão de folha corrida, as companhias de Caminhos de Ferro affirmamnos que tem trapios de portas a dentro, os proprietarios dos hotéis fazem igual afirmativa, tudo isto como se no que as vítimas pagam áquelas entidades não fosse incluída a verba correspondente á obrigação de as defender da gatunagem.

Esta desfaçatez é que, parece-nos, não encontra paralelo nos outros países civilisados.

TRABALHO

Ha dias ouvimos dois ou tres individuos, aparentemente da classe operaria, insultar em frente da Escola Politecnica, os alunos que no atrio se encontravam, á espera da hora da aula: os insultantes gritavam: — «Vão trabalhar seus vadios!» não tendo lido o incidente consequencias de maior vulto, graças á prudencia dos mesmos estudantes.

Sabemos que pelo incidente não devem responder os verdadeiros operarios, mas nem por isso deixa de ser lamentavel que haja alguém que considere o esforço intelectual não como trabalho util, mas como diversão de ociosos, sem se lembrar de que d'aquelle é que derivou o trabalho manual e que mais extenuam as locubrações cerebrais do que a dura, mas em geral, higienica tarefa, do mais activo dos artifices. Quantas vezes o intelectual não trocaria pela materialidade dos mecanicos a sua dolorosa profissão de pensar e de resolver, pelo que ella tem de esmagadora e pela responsabilidade que a acompanha?

No caso citado não ha duvida de que os estudantes, tendo-se preparado para a lição e preocupados



com a aproximação da hora em que teriam de provar que haviam estudado, mereciam mais a classificação de trabalhadores como os individuos que tão mal e tão inconscientemente os julgavam.

O CAPITAL

Transcrevemos:

«NEW-YORK, 8. — O sr. John Rockefeller entregou ao Instituto Rockefeller, para estudos medicos, a quantia de 1) milhões de dollars. E' a sua segunda dadiya para investigações scientificas; a primeira foi de 2) milhões de dollars. —(Seculo).»

«NEW-YORK, 8. — O conde Balnotti, de Turim, deixou no seu testamento um legado de 1) mil dollars para a rapariga do povo da Providence? Rhode Irland, que tivesse melhor comportamento. —(Seculo).»



Estes dois telegramas foram publicados no mesmo dia em que se noticiou o malogro d'uma revolução bolchevista nos Estados Unidos, e a aproximação d'essas noticias decerto sugeriu curiosas considerações ao leitor indifferente; nas que sugeriu ao partidario de qualquer das duas teorias extremas, é inutil falar, porque a paixão sectaria não admite que a contrariem. Aquele, porém, a quem os desvarios não cegaram, não pode deixar de aplaudir os dois argentarios, que procederam como nos telegramas se relata e de observar que d'esta vez o capital conquistou a absolvição de muitos actos reprováveis.

Rockfeller e Balnotti renderam assim preito á ciencia e á virtude; não é tudo o que elas merecem, mas já é alguma coisa, n'um tempo em que a quem cumpre o seu dever não basta, como incentivo para que continue, a satisfação de o ter cumprido.

LIVROS

Como de costume, a produção poetica das ultimas semanas foi muito superior á da produção em prosa: destacamos, dos livros que ultimamente recebemos, tres de versos, «Cancioneiro da Primavera», do sr. Vaz de Barros, «A corôa de rosas», do sr. Carlos de Moraes, «Amorosas» da sr.ª D. Amelia de Guimarães Vilar e apenas uma obra não escrita na linguagem dos deuses, «Torre de menagem», do sr. Baradas de Carvalho.



Todos estes trabalhos revelam, quanto a nós, qualidades apreciáveis, posto que se trate, evidentemente, de escritores que principiaram; nos tres primeiros ha sentimento e respeito pela forma, na «Torre de menagem» ha tudo o que se pode exigir n'uma novela moderna.

E porque entre os apresentantes figura uma senhora, e porque nos verdes anos revelados pelo retrato que acompanha o livro teve a coragem de escolher o soneto, apesar de sair de vez em quando dos moldes classicos, pela sr.ª D. Amelia de Guimarães Vilar solicitamos mais espaço do que o que habitualmente nos é concedido na «Ilustração Portuguesa» para estas referencias, a fim de lhe assegurarmos o nosso agrado e os nossos respeitois.

Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira).

O Condestavel D. Nun'alvares Pereira

A SUA BEATIFICAÇÃO



UNO Alvares recebeu, finalmente, pela auctoridade do Sumo Pontifice, que aprovou a sentença da Congregação dos Ritos, lavrada sem discrepancia de um voto, pois que o foi por aclamação unanime, a auréola dos beatos e a honra insigne dos altares que os seus compatriotas lhe haviam já conferido, por espontaneo e fervoroso consenso, ha perto de quinhentos anos. Circunstancias várias, no decurso dos seculos, impediram que o culto do Santo Condestabre, a mais lidima gloria guerreira de Portugal e a mais pura incarnação das virtudes civicas e religiosas da raça, se definisse, radicasse e robustecesse como

era justo e como se fazia mister. O donato carmelita, de tamanha humildade que exigiu, no seio da ordem em que se refugiou, o infimo logar, ele que fôra o maior dos portuguezes do seu tempo, o artifice da consolidação da independencia patria, o terror de Castela, o braço direito do rei e o heroe de tão estupendas façanhas, deposta a armadura e vestido o tabardo, passou a curar apenas da perfeição da sua alma e a dar-se todo aos pobres, derramando por eles os beneficios espirituaes e materiaes que, immediatamente após o seu ditoso transitio deste mundo, floresceram nas devotas manifestações celebradas em Lisboa e outras terras. Pintaram e es-

culpiram a sua imagem, acenderam-lhe lampadas, cantaram-lhe missas, fizeram-lhe romarias, levaram-lhe ex-votos pelos milagres que se atribuíram á sua intercessão junto de Deus.

As lóas que, dançando e folgando, os crentes entoavam á volta da sua campá rasa, no mosteiro do Carmo, exprimem com uma comovedora eloquencia a sinceridade e a intensidade desse culto nacional que se foi obliterando e quasi perdendo, a despeito de, uma vez restaurada a autonomia, se dirigirem a Roma veementes supplicas para que o sancionasse com a consagração dos meritos heroicos d'aquella a que chamaram «o Senhor Santo Conde».

As amadas reliquias de Nuno de Santa Maria, destruído pelo grande terremoto o tumulo magnifico de alabastro que a piedade real de Joana de Castela, mulher de Filipe-o-Formoso, lhes dedicára, nunca mereceram dos fieis e dos patriotas, até muito recentemente, a devoção condigna, conservando-se pouco menos do que esquecidas numa capella interior do paço patriarcal, e ainda agora aguardam a tumulação definitiva a que teem direito e que é um dever indeclinavel de todos nós dar sem tardança a esses preciosos restos...

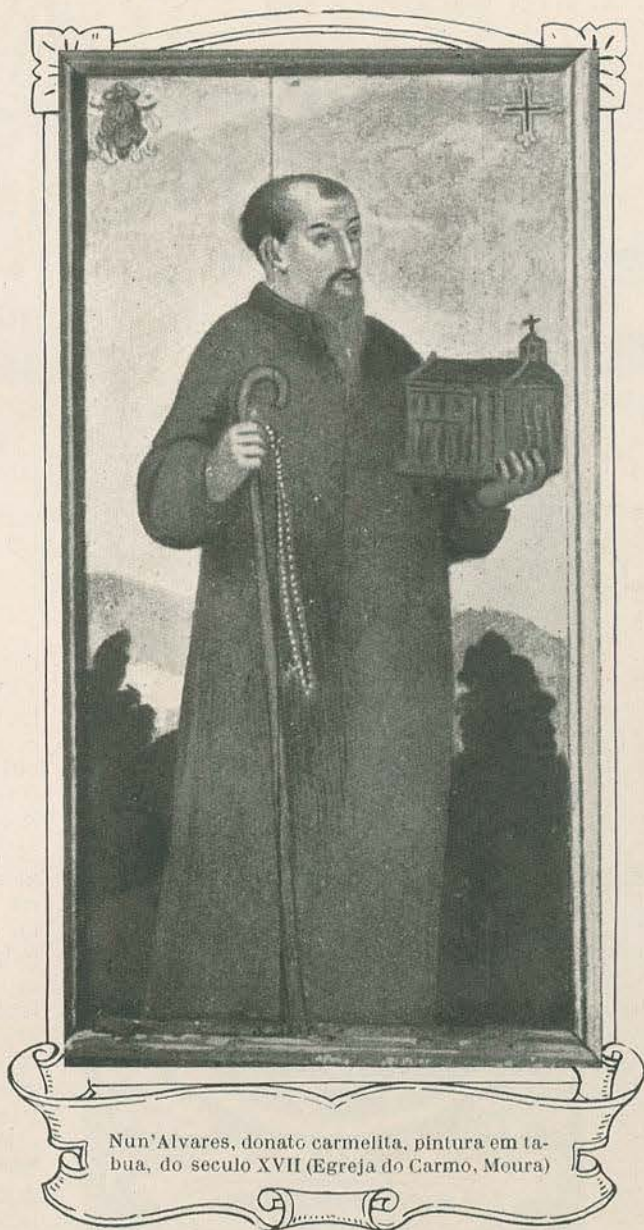
Mediaram aproximadamente tres seculos de silencio e de olvido entre as primeiras impetrações reaes e episcopaes endereçadas á Santa Sé para que reconhecesse o culto de Nuno Alvares e o inicio do respectivo processo que data de ha vinte e cinco anos e teve como principaes pro-

pulsos os carmelitas. Obstaculos de natureza diversa, em o numero dos quaes talvez não fosse arrojado incluir a crescente frouxidão dos entusiamos religiosos do paiz, fizeram arrastar, por um largo quarto de seculo, a organização do processo que ficou, em principios do ano passado, concluso. E, no entanto, os testemunhos da re-

motá existencia do culto dedicado pelo povo português, especialmente em Lisboa e em terras alemtejanas, ao Condestabre eram abundantes na tradição, nos documentos e nos livros. Havia sido intensa a devoção nacional por aquelle homem singular que, depois de defender a patria com sua hoste e seu pendão, salvando a grei e libertando das garras do leão de Castela as ovelhinhas, vestiu a estamemha e «todo-lo deo» aos necessitados: — «sua sôpa, mai-la sua roupa, mai-lo seu dinheiro», além do estímulo consolador das suas palavras e dos seus exemplos.

No dizer das gentes que acudiam com promessas á sua miraculosa sepultura, Frei Nuno de Santa Maria, o irmão leigo do Carmo, restituira a luz dos olhos a cegos, o movimento a paraliticos e tolhidos, a audição e a fala a surdos e a mudos, a propria vida a mortos, contando-se entre os seus mais famosos prodigios doze

ressurreições, algumas d'elas comemoradas pelas trovas populares que referiam ter o Conde Santo aviventado «o rapaz das coberturas» caído sem alento «para traz», a «filha de Joana Estês que finou por não mamar» e o «do moinho



Nun' Alvares, donato carmelita, pintura em tabua, do seculo XVII (Egreja do Carmo, Moura)



Nun'Alvares guerreiro e Nun'Alvares religioso,
gravura de Picart (1722)

do cubo, que finou por se afogar», aos quaes arrancou dos esquires «e todo por fazer bem»...

Nuno Alvares Pereira está beatificado, isto é, na causa da sua santificação oficial, venceu-se o mais difficil, o mais vagaroso, o mais solene passo. Tem missa e officio proprios, comquanto não seja permitido erigir-lhe templos publicos; podem venerar-se as suas reliquias, embora não seja licito coloca-las sobre os altares; expõem-se ao culto dos fieis as suas imagens, mas sem o resplendor dos santos que ainda lhe não pertence. O processo de canonisação decorre com menos complexidade e consiste, nomeadamente, no exame dos milagres obtidos por intercessão



Nun'Alvares em trajo de cavalleiro
Gravara de Pedro de Vila Franca, 1641.

do bemaventurado depois de decretada a sua beatificação. Bastam dois, muitas vezes, e é a Congregação dos Ritos que os estuda e discute em tres sessões, á ultima das quaes preside o Sumo Pontifice. Decidida a canonisação, precedem-na alguns actos solenes, como o consistorio secreto, o publico e o semi-publico, em que se marca o dia da cerimonia final que com a maior grandiosidade se realisa na basilica vaticana, sob a presidencia do Papa. O triduo que vai celebrar-se em Lisboa, na igreja de S. Domingos, comemora e festeggia, segundo o costume, a beatificação cujo decreto foi ratificado por Sua Santidade em principios de 1918. Coincidencia digna de nota: o cardeal ponente,

quer dizer o relator no processo, foi o eminentíssimo Vicente Vanutelli, antigo nuncio apostolico em Portugal, decano do Sacro-Colegio, e assinou o decreto, como cardeal pro-prefeito da Congregação dos Ritos, o eminentíssimo Antonio Vico que, entre nós, exerceu o cargo de auditor da nunciatura.

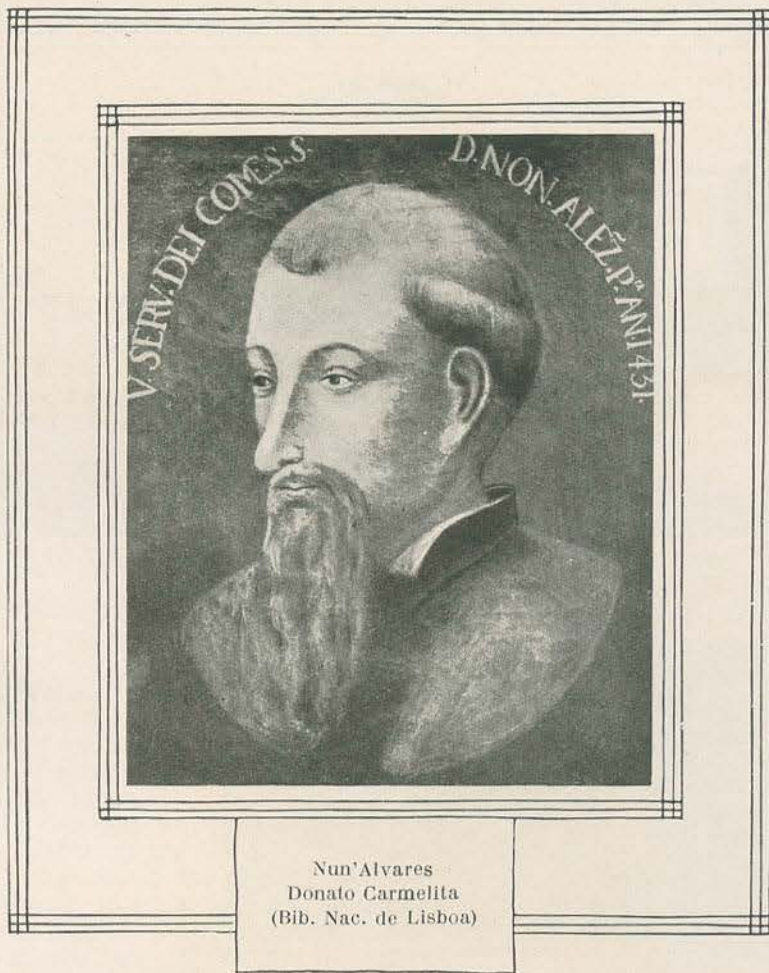
Para a cerimonia da canonisação de um santo, é de uso — e assim succederá com a de Nuno Alvares — ornamentar-se esplendidamente a igreja de S. Pedro, figurando na decoração quadros representativos da vida e milagres do heroe canonisado. O Sumo Pontifice, rodeado pela sua cõrte, pelo Sacro Collegio e pelos prelados e clérigos, entra

na basilica e toma lugar no trono. O advogado consistorial pede-lhe por tres vezes que pronuncie a canonisação e a resposta ás duas primeiras instancias consiste em preces. Cantam-se o *Veni Creator*, as ladainhas dos Santos, outras orações; á terceira supplica o Papa proclama o decreto de canonisação cuja passagem principal, que no caso do nosso Beato encerrará o seu nome, é a seguinte: «Em honra da santa e indivisivel Trindade, para aumento e gloria da fé catolica, pela autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, dos santos apóstolos Pedro e Paulo e pela Nossa, após madura reflexão e com o voto dos Nossos

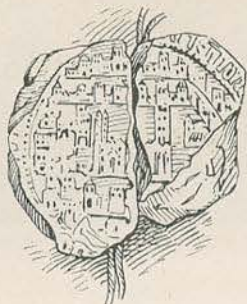
Veneraveis Irmãos, os Cardeaes da Santa Igreja Romana e do Conselho dos Patriarcas, Primazes, Arcebispos e Bispos, declaramos Nuno Alvares santo confessor.»

Celebra-se, seguidamente, a missa papal; o Sumo Pontifice dirige aos fieis uma breve homilia sobre o novo santo e, por fim, anuncia-se a concessão d'uma indulgencia plenaria, do mesmo passo que se notifica a canonisação á cristandade, por via de letras apostolicas, firmadas pelo Pontifice Soberano e por todos os cardeaes presentes em Roma. Para quando a cerimonia final? Se ella dependesse exclusivamente dos esforços, das diligencias, dos anseios de Portugal, a

ajuizarmos pela indiferença que reina ainda nos proprios centros catolicos, salvo rarissimas excepções, poderíamos, sem receio de errar, supôr que outro quarto de seculo era necessário ver decorrido para a canonisação de Nuno Alvares. A festa do bemaventurado foi fixada para o dia 6 de novembro de cada ano. A sua imagem é venerada e festejada na capela da Ordem Terceira do Carmo, visinha das ruinas do mosteiro que fundou. Para esse templo se trasladaram o ano passado, modestissimamente, sem solenidade alguma, os seus venerandos ossos.



Nun'Alvares
Donato Carmelita
(Bib. Nac. de Lisboa)



Avelino de Almeida.

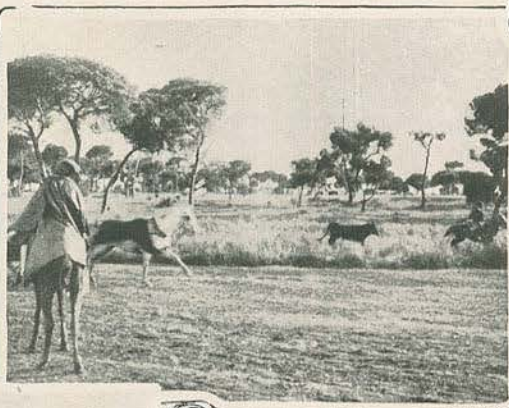
Uma Festa na Leziria



Na leziria



O afamado lavrador Palha Blanco deu nas suas lezirias de Pancas uma festa que ficou memoravel e para a qual fez cerca de 800 convites. Consistiram em missa campal, tenta, ferra de gado e corridas á vara larga. A missa



Gado no campo.

O sr. José Pereira Palha Blanco, um dos maiores lavradores da nossa terra,

campal realizou-se no monte de Santo Isidro. Na tenta foram tentados e ferrados



A familia Palha Blanco

cerca de 200 bezerras. N'um dos dias houve ferra de gado e corrida á vara larga, com episodios em que estes espectaculos são fartos. Houve tambem uma corrida em que foi morto um bezerro e todas as noites no palacete de Vila Franca se dançou animadamente, queimando-se um vistoso e escolhido fogo de artificio.



A derriba.

(«Clichés» Serra Ribeiro)



Mefistofeles Cirurgião

O ELIXIR DA LONGA VIDA

FAUSTO, o velho Fausto, sabio e conspicuo, vendeu a sua alma ao diabo em troca da eterna mocidade.

N'esse tempo só o Diabo tinha poder para vender a juventude deslumbradora e só o fazia chatinando as almas com a avaricia de um velho judeu negociando gemas. Hoje não. Hoje o Dr. Sergio Voronoff, director do Laboratorio de Fisiologia do Colegio de França, apresentou ao Congresso de Cirurgia uma Memor a em que assegura que enxertando glandulas intersticiaes de cordeiros novos em carneiros e cabras velhas lhes restituia imediatamente o vigor da juventude. Depois o Dr. Voronoff entrevistado declarou que tinha dois casos clinicos em que se tratava não de cabras e carneiros mas de dois velhotes que tra-



tados por ele passaram da velhice caduca a uma relativa mocidade. E mais. Que não ha razão para que, enxertando no homem, glandulas de macaco robusto e moço, o homem não venha a tornar-se como o seu enxertador robusto e moço. E' a supressão da velhice com as suas dolorosas contingencias. Fausto será eternamente moço com o auxilio do Mefistofeles-Voronoff. Outro n'eico descobriu o remedio contra as rugas, as gelhas, os pés de galinha. Brevemente outro descobrirá o elixir da longa vida. O que o homem não faz, o que o homem não fará. Entretanto uma coisa é certa. E' que se a velhice desapareceu exteriormente, tambem se alcançou o vigor para que essa conquista não seja uma palavra vã. Agora pense-se na situação do pobre

Dr. Voronoff. De todos os pontos do globo lhe chegam pedidos. Cartas e telegramas enchem-lhe o gabinete, carregam os autos do correio. Todos, todos querem a mocidade, frescura na pele, calor nos beijos, amor no coração.

O numero 1 da nossa gravura representa a localisação da glandula pineal; o n.º 2 a glandula hipofis. situada na fossa craniana, na base do cerebro; o n.º 3 a tiroidea, situada na trachea. — No retrato o Dr. Voronoff.



Fausto vendendo a alma ao diabo em troca da juventude.

O Fausto de hoje depois do pacto com Voronoff.

(Estampas de «Retsch»)

A Moda Feminina

O CALÇADO



O calçado feminino! Mas há quantos anos desde a noite imemorable dos seculos ele vem dominar o mundo e prendendo a atenção de literatos subtiis e sabios encanecidos!

O calçado é sem duvida um dos mais perturbadores encantos do vestuario da mulher. Por ficar aos pés de Cleopatra perdeu Antonio a batalha de Actium. E quantos poetas apaixonados não tem feito deliciosos versos aos pés pequeninos das suas amadas? José de Alencar escreveu um romance «A Patá de Gazela» em que uma linda creatura tinha uns pés monstruosos, que faziam naufragar toda a paixão. Um poeta brasileiro já escreveu:

«Querida quando eu morrer,
Com tua boquinha breve
Não me venhas tu dizer
— A terra te seja leve.

Nesse dia, vem calçada
Com sapatos de setim
Quero a terra bem pizada
Tendo teus pés sobre mim.



A bota zebraada. (De The Sketch)

Pois a grande moda foram os sapatos ornados de plumas, em Nova York. Em Inglaterra usam-se as botas zebraadas como mostra a nossa gravura, o que dá aos pés um aspéto bizarro. Hoje a moda, a grande moda de inverno, é o sapato em veludo e camurça preta e, para interior, os sapatos em fantasia, em setim, em «brocarts», sapatos á Voltaire de grande pala como a das botas de d'Artagnant mosqueteiro e de fivelas de preço em ouro, em prata, cravejados a pedras falsas ou a custosos brilhantes.

Quanto á bota essa usa-se do modelo de polaina, canos em côr, gaspea em polimento, a parte pequenissima que da gaspea aparece. Enfim, nem o sapato nem a bota de verniz passou de moda. Apenas refinou, apenas se rendilhou, apenas se complicou em desenhos de fantasia.

Um pé bem calçado, hoje como de ha seculos, vale uua fortuna.

Dizem as pessoas que prezam a moda que sem uma linda meia e um bello sapato Julieta não teria sido requestada e Romeu não a olharia sequer. Que Heloisa não teria inspirado amor a Abeillard. Dizem mesmo mais: Que Chamilly não teria amado a Soror Mariana. Dizem tudo isto... os sapateiros.

E' mentira? E' verdade? Não sabemos. Do que se diz, como da calunia, alguma coisa fica. No entanto, já a leitora sabe o que em calçado se usa este inverno.





O ilustre pintor J. J. de Souza Pinto dá-nos hoje um precioso inédito. O grande mestre da pintura portuguesa que tem quadros nos grandes museus do estrangeiro não podia deixar de figurar na galeria de Arte que a «Ilustração Portuguesa» creou.

A QUEDA DOS IDOLOS

A estatua de Hindenburgo demolida — A ingratião das multidões.
A morte dos idolos.

A nossa época é como nenhuma outra. Não há rei, não há senhor. E pensando assim é que, na Alemanha, depois da estatua de Bismarck, o chanceler de ferro, vai a de Hindenburgo, o vencedor de Tannenberg. Chegou agora a vez ao homem da vitória, o homem que mais aplaudido foi da multidão. E na Alemanha como em toda a parte a multidão é ingrata.

Bismarck fez da Prussia o colossal imperio que se defrontou com o mundo. Hindenburgo foi o homem que encheu o militarismo germanico de prestigio. Não ha duvida que o marechal é um dos grandes mestres da sua arte.

Nos dias de esperança, as gentes levantaram uma estatua de madeira, uma estatua enorme, em Tiergarten, defronte da columna da Vitória. Era uma estatua que teve fanaticos e onde todo o berlinense que se presava cravou um prego, simbolo da sua homenagem e admiração.

Maus dias vieram e deliberou-se agora serrar a estatua e vender a madeira. O marechal pouco se incomodará com isso, que o indistincto «cliché» dos fotografos o dá passeando tranquilamente, e convergendo o «paletot» e trazendo o pacato chapu de chuva de paisano, desiludido um pou-

co das honras e vaidades transitorias do mundo. Dos chefes guerreiros alemães Hindenburgo foi o que mais alto pairou. E porque muito subiu é que estrondosa é a sua queda.

Deve ser curiosa a tragedia d'este homem que foi o poder supremo do mais forte exercito do mundo. Ele foi o chefe quasi absoluto de muitos milhões de homens que durante anos encarnadamente mataram e morreram. Hoje é um burguez pacifico, que tranquilamente aguarda a morte, e que faria bem em gozar as suas rendas longe do bulicio das paixões. Mas, alma de guerreiro, militar profissional, poderá ele por acaso passar sem a vida dos planos, das estrategias, do rufo dos tambores, do cadenciado das marchas, do pesado rodar das carretas de artilherias?

Alma feita para a guerra poderá fruir a tranquillidade na doce calma da Paz? E se o fizer não entrará com ele a nostalgia dos actores sem publico, dos literatos sem leitores, do guerreiro sem exercito e sem batalhas?

E' um idolo que o esquecimento traga.

Hoje são pouco propicios os tempos para que os idolos resistam. E assim a pouco e pouco irão todos. Uns ás mãos das multidões. Outros na voragem infinita e eterna do tempo que corre, que vaa, que passa e que con sigo no seu rolar os leva, os arrasta e para sempre os sepulta.



O principio do fim.
Começa a demolir-se a estatua de Hindenburgo.
(No medalhão o marechal Hindenburgo).

PORTUGAL ARTISTICO O MONESTERO-FORTALEZA

DE



O convento de Leça

CREMOS ser exemplar unico da arquitetura religioso-militar, no nosso paiz, o notavel convento de Leça do Balio, hoje considerado monumento nacional, o que, aliás, não lhe tem servido de muito, para o levantar do quasi abandono em que se encontra.

Mas, é pecha nacional, deixar per-

Aspecto geral

der quasi totalmente o pouco que nos resta d'esses marcos miliarios a atestarem na longa estrada da nossa historia, as épocas da nossa passada grandeza, para, quando já perdidos, deformados, quasi inuteis, os incluir então «carinhosamente» no numero dos monumentos nacionais, entregando-os a uma comissão que nem para reparações tem meios quanto mais para os reconstruir.



A frontaria do templo com a magnifica rosacea e o varandim ameiado sobre o portal da entrada.

O convento de Leça, encontra-se todavia em louvavel estado de accio, especialmente a torre militar e o templo, devido aos cuidados de uma comissão de vigilancia que pouco mais pode fazer do que cuidar da sua conservação, por escassez de recursos para o restaurar. E é pena, por que, uma das partes mais curiosas no

391



O varandim na frontaria do templo. O pavimento é perforado para lançamento de materias incandescentes sobre os assaltantes em tempo de guerra.



O pavimento e as ameias do lado N., um dos melhor conservados.

celebre mosteiro é a que fica superior á capela-mór, com os seus terraplenos ameaçados, passagens secretas, escadas de caracol em granito, hoje quasi tudo entulhado, telhados arrombados, etc., por falta de verba que permita pôr a descoberto essa interessantissima parte da velha fortificação dos Cavaleiros do Hospital.

A fundação do convento perde-se na bruma dos tem-

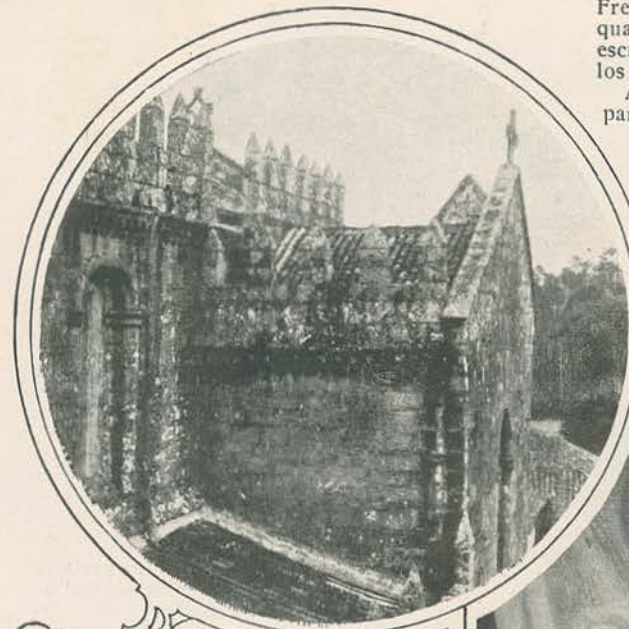
Uma dôr d'alma!

N'este encontram-se ainda os tumulos do Balio D. Frei Estevam Vasques Pimentel e outros, sendo sobretudo notavel a pia batismal de bellissimo lavrado em pedra d'ançã.

Uma lenda curiosa se liga a uma das capelas do templo, vulgarmente conhecida por «Capela do Ferro», lenda que se liga a um dos tumulos existentes, o de D. Frei Garcia Martins, tido como santo e em torno do qual e da vida monastico-militar dos monges, o saudoso escritor Arnaldo Gama escreveu um dos seus mais bellos romances historicos—«O Balio de Leça».

A torre militar, sólida e aprumada nas suas grossas paredes siteiradas, está bem conservada e dividida interiormente em pavimentos de madeira, recentes, bem construidos de modo a poder-se visita-la, bem como os terraços ameaçados inferiores para onde só a torre dá comunicação.

Para os terraços superiores entra-se pela sólida construção aberta na espessura dos grossos muros da capela-mór, parte difficilima de visitar pelo estado de ruina em que se encontra, estando uma parte quasi entulhada.



O pavimento inferior do lado sul

veem-se ainda duas das cruzes dos hospitalarios que enclavam o edificio. Uma d'elas, a da capela-mór, foi ha meses derubada por um temporal, aumentando ainda os destroços desta parte do mosteiro.

pos, datando de 1003 o mais antigo documento que ao mosteiro se refere e se encontra no Livro da Sé de Coimbra, documento referente a uma doação que ao convento fez uma certa familia de Deus, Vigilia. N'esta data, já, pois, o mosteiro existia. Desde quando, ignora-se.

Em 1112, apparecem pela primeira vez em Portugal os cavaleiros de S. João de Jerusalem, a quem se doou o convento de Leça, com obrigação de assistirem a el-rei com todos os cavaleiros que n'ele estivessem.

A actual construção data de 1336 e foi ordenada pelo Bálío D. Frei Estevam Vasques Pimentel, para prevenir um inesperado retorno dos arabes, então em acesa luta com os cristãos da península.

Do mosteiro, o pouco que resta, encontra-se em poder de particulares, que teem demolido, alterado e aniquilado inteiramente essa parte da vasta construção.

Resta o templo, de tres naves, divididas por elegantes arcos ogivais, mas onde em tempos afastados, que não pudemos averiguar, se fez o «encherto» de um côro «ambulante», para o que foi preciso escavar as duas colunas que lhe servem de suporte!



Interior da igreja do Mosteiro de Leça do Balio.

Não seria, pois, uma louvavel resolução da comissão dos monumentos nacionais ou de quem por estas coisas se interessasse o desentulho e reconstrução d'esta parte do notavel monumento?

Humberto Beça.

(«Chichés» do autor).

A EXPOSIÇÃO DE ARTE JAPONESA

N'UM dos pavimentos da casa Ramiro Leão & C.^o está desle ha dias aberta ao publico uma exposição de arte japoneza que fez com que ante as suas vitrines tenha desfilado toda a pequena multidão dos magos que vivem para a arte e ás lindas cousas que de perto lhes tocam consagram o melhor do seu tempo, do seu dinheiro e do seu gosto. E essa exposição causou a melhor impressão, sendo tambem de uma quasi absoluta novidade. E' que o Japão é ainda um paiz de bruma para nós, apesar de que fomos os primeiros europeus a pisar a areia das suas praias. Lá fomos missionar, commerciar e sofrer tratos de polê.

E o Japão tem, embora a gente a desconheça, uma literatura e uma arte que mostram uma civilização intensissima, e que fazem o europeu, uma vez iniciado, boquiabrir-se de espanto ante a suntuosidade d'elas e a vastidão da sua ignorancia, que as desconhecia. E de tal ordem é a Arte, n'esse paiz de poetas e artistas que Pierre Hoti é um fanatico por ela e os Goncourts lhe consagraram alguns dos seus tão profundos, como brilhantes e originaes estudos. Paiz de poetas e de artistas é sabido que os japonezes são os primeiros decoradores do mundo. E se quizermos ver como eles sabem fazer maravilhas é correr esses museus e ver que preciosidades em pintura, desde essas pinturas a tinta da China em que no seculo XV Kano Motonobou foi mestre, até aos seus desenhistas de hoje. E' ver na ceramica, na faiança, que suntuosas, magnificentes, prodigiosas coisas. Já a louça da China e do Japão em seculos idos teve fama e sabe decerto o leitor como dos entendidos é apreciada a de Ninsêi do seculo dezesete por exemplo. Mas é só a ceramica e a pintura? Não. E' tudo, que tudo fabrica essa terra de pacientes e inspirados artistas. São as armas, os tecidos que parecem fadados para uma princeza de sonho, os leques, os maravilhosos leques descendentes dos outros que os imperadores Shiômou e Kôammou-Tennô mandaram fazer, são as estampas, as soberbissimas gravuras, são os vasos em cobre, em bronze, os cofres em madeira preciosa com incrustações de ouro e de marfim, e de laca, são os xarões, são os bordados, são as mil maravilhosas coisas em que o genio do imperio do sol nascente é prodigo e fecundo.

Tendo assimilado rapidamente as civilizações chinesa, indo-chineza, coreana, e persa, o Japão ecletico, na que criou, deu-lhe a sua forma, muito sua, muito original. Um dia mesmo tomou a europeia. Foi isto por 1867. Mas não perdeu as suas características e ainda hoje do me no fundo do coração niponico o genio da raça, profundamente artistico, poetico e sofredor.



Algumas das deliciosas figurinhas e jarras expostas



Na exposição Ramiro Leão estão reunidas umas centenas de lindas coisas que são verdadeiros encantos. Porcelanas de Satsuma, jarras e vasos em «cloissonné» e estatuetas em laca e marfim; colchas, quadros, cofres marchetados, maravilhas de gosto, originaes, bizarros, invulgares, inebrados, consolo dos olhos, prodigios de um gosto maravilhoso, que nos fazem lampear na retina os cortejos das «Mil e uma noites», as descrições de Fernão Mendes Pinto, ou nos fazem evocar com o seu paiz das maravilhas a já classica «Madame Crysanthème».

E' uma linda exposição e foi uma interessante hora a que, olhando todas aquelas coisas de um paiz distante, nos levou o espirito da Rua Garrett pacata e sorna ao paiz das «musmés», das aves exóticas e da flor de «lotus». Bem interessante tudo aquilo e muito curioso, o Japão.



Impressões e Paizagens

Anoitecer no Tejo
Por João Fernandes Tomaz

QUANDO o sol se afoga distante, para lá da barra, na solidão nostalgica das aguas, um derradeiro raio fica, ultimo lampejo, ondulando como o fulgir de uma espada de ouro. Depois, o sol vae a outro hemisferio e a sombra desce, primeiro cinzenta, depois plumbea esoturna, até que a noite vem envolver a terra toda. É quando a sombra desce que as velas se

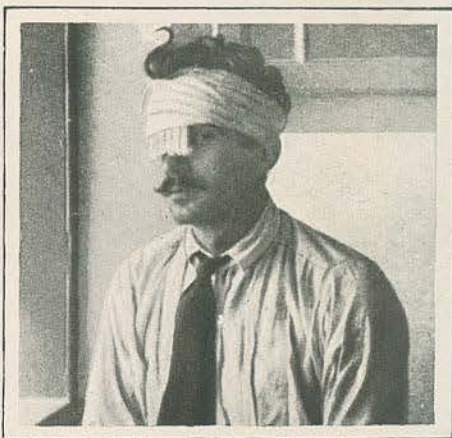
recolhem e veem rio acima amarrar nos caes ou a procurar o poiso habitual das docas. E as gaivotas em bandos e em gritos rodeiam os barcos á babugem dos restos e vão em bandos recolhendo tambem, como as fragatas e as lanchas, para de novo ao despontar do sol bater azas ou velas içadas começar de novo o seu fadario sem fim.



O Atentado Contra Sr. Alfredo da Silva

O sr. Alfredo da Silva, o conhecido industrial que Lisboa tão bem conhece, foi ultimamente vítima de um atentado que só o não vitimou por um acaso providencial. Artur Pinho com outros que se evadiram esperaram aquele senhor quando ele, à saída do seu palacete do Alto de Santa Catarina, onde se deu um incêndio, ia para se meter no automóvel, e alvejaram-no à pistola e a bomba. A pistola não se disparou por se ter encravado, mas estilhaços da bomba deixaram mal ferido o «chauffeur» Raul de Souza, que está no hospital onde foi fotografado para a «Ilustração».

O estucador Artur Pinho também está bastante contuso, como a nossa gravura mostra, por o povo o ter agredido, escapando ele com di-



Artur Pinho, o estucador que tentou matar a tiro o conhecido industrial sr. Alfredo da Silva.

ficiência às iras populares, devido à intervenção da policia. Geralmente os populares não são bolchevistas nem compreendem o crime como um ideal.

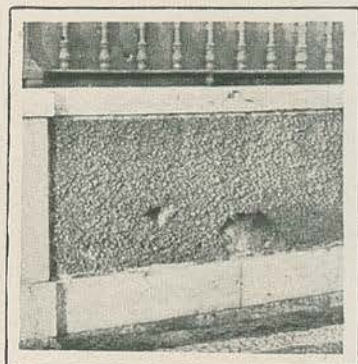


O palacete do Alto de Santa Catarina.



O Sr. Alfredo da Silva.

Raul Rodrigues de Souza, o «chauffeur» ferido, no hospital.



Vestígios da explosão. («Clichés» Serra Ribeiro)



Atualidades

Do numero passado a este as mais importantes foram a exposição de crisantemos na Camara Municipal e no atrio do Hospital de S. José, e a abertura dos cursos do ano lectivo na Universidade de Lisboa.

O crisantemo é a flor da estação e se muita gente o desdenha por que não tem perfume, muita gente o admira pela beleza decorativa que ostenta. E' vistoso, é soberbo de imponencia e ha exemplares admiraveis, que tem admiradores como o poderia ter um literato famoso ou uma mulher bonita. A abertura dos cursos foi muito concorrida. S. Ex.^a o Sr. Presidente da Republica foi recebido por todo o corpo docente, ouvindo os discursos da praxe e a oração inaugural do sr. dr. Eduardo Pimenta, que foi quem este ano se desempenhou do honroso encargo.

No Salão da Camara.
O sr. Presidente saindo da Camara Municipal



Ouvindo os discursos.



A' saída da Universidade



O corpo docente da Universidade de Lisboa.

(«Clichés» Serra Ribeiro)

ALÉM do grupo tirado em Belem do sr. Presidente da Republica com os directores dos diarios lisboetas, as nossas gravuras representam o sr. Seabra Carvajal, consul do Chile, D. Eliodoro Yañez, antigo ministro, sua esposa e filhas e os convidados para o almoço a bordo do «Andes» um luxuoso e esplendido transatlantico da Mala Real Inglesa, verdadeira e maravilhosa cidade fluctuante, pelo restabelecimento das carreiras para a America do Sul, e as armas e munições apreendidas em Hespanha aos conspiradores monarchicos.



Os jornalistas no palacio de Belem com o sr. Presidente da Republica.



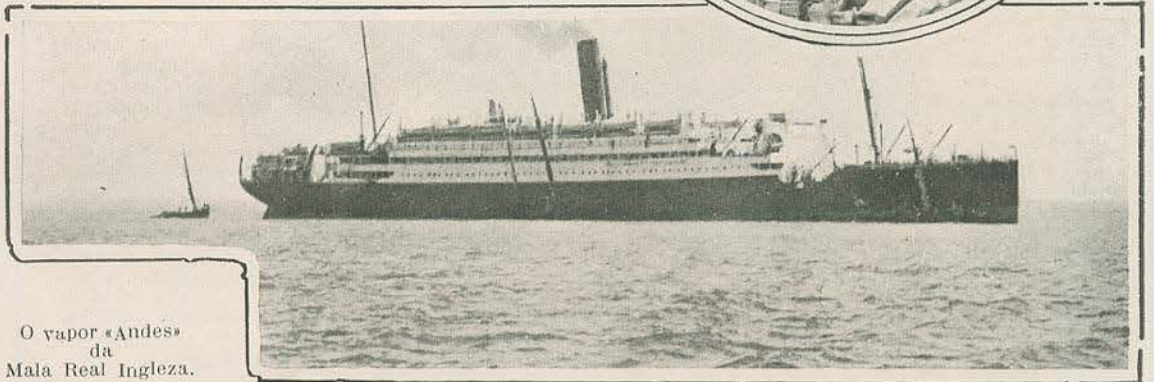
Um representante do Chile em Lisboa.



A bordo do «Andes». Os convidados officiaes.



Armas e munições apreendidas em Hespanha aos conspiradores monarchicos.



O vapor «Andes» da Mala Real Inglesa.

VIDA LITERARIA



Os livros ultimamente publicados sobresaem os de Manuel Neves, «Romantismo»; Carlos Olavo «Jornal de um prisioneiro de guerra na Alema-

nhã»; Samuel Maia, «Sexo Forte» e Prado Coelho «Camilo» e «Estudos Criticos». Qu a l q u e r d'estes trabalhos são dignos de registro e seus autores e a nossa honram sobremaneira os literatura.

Figuras e Factos



Por votação das associações de previdencia foram eleitos para o Conselho Superior de Previdencia Social os Srs. senador Constançio de Oli-

vanteria Manuel Maria Coelho, filho, que foi occupar o cargo de official da policia de Macau, promete dar-nos a sua colaboração, e o sr. Francisco Pau-



veira e dr. José Ernesto Dias da Silva, respectivamente com 21.108 e 21.119 votos.

Creaturas ambas conhecidas como competentes, muito ha a esperar do seu esforço e do seu trabalho e saber.

O alferes de



Os srs. senador Constançio de Oliveira, dr. José Ernesto Dias da Silva, alferes Manuel Maria Coelho (filho) e Francisco Paulo dos Santos Mendonça.

lo dos Santos Mendonça é um atirador civil do grupo Patria que na prova do Campeonato de Portugal com arma de guerra foi um dos vencedores, sendo tambem o primeiro classificado na prova Gomes Freire.

1841

1919

AGENCIA INTERNACIONAL

DE

INFORMES COMERCIAES

R. G. DUN & Co.

Fundada em New-York em 1841

245 SUCURSAES NAS CINCO PARTES DO MUNDO

78 anos de existencia

Unica agencia de Informes Comerciaes que possui
DEZ SUCURSAES proprias na Peninsula:

BARCELONA. — *Calle de Bilbao, 198*
BILBAO — *Calle de la Estación, 5*
LISBOA. — *Rua do Comercio, 103*
MADRID — *Calle Nicolas Maria Rivero, 8-10*
MALAGA — *Alameda de Wilson, 19*
MURCIA. — *Plaza de Cetina, 2*
PORTO. — *Rua do Almada, 10*
SEVILLA — *Calle Cánovas del Castillo, 14*
VALENCIA. — *Calle de Sorni, 2*
VALLADOLID — *Calle de la Constitución, 7*

Central para PORTUGAL: **103, Rua do Comercio-LISBOA**
Sucursal: **10, Rua do Almada-PORTO**

M. FONT

Director geral para a Europa Occidental



A. MASCARÓ

Director para Portugal e Colonias

1919

1841



Coroas

Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, e na

Camelia Branca
Lº D'ABEGOARIA, 30
tao Chiado - Telef. 3270

Massagem Gimnastica

ANTONIO Infante do American College
of Mecanotherapy.
Escrever: Apartado 152 (caixa correio).

Pilulas laxativas Boissy

(SAPONACEAS)

O PURGANTE IDEAL

As unicas que purgam
sem irritar

São um verdadeiro purificador do sangue,
anti-biliosas e refrigerantes.

A' venda em todas as farmacias e drogarias

DEPOSITO GERAL PARA REVENDA

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca

Rua da Prata, 237, 1.º



Instituto Anglo-Francez de Beleza

Rua Anchieta, 21, 1.º, LISBOA (Ao Chiado)

(FUNDADO EM 1903)



Pêos do rosto. Cura radical, sem dór nem vestígios pela Electrolyse, processo infallível do Dr. Hinson. Nada de depilatorios. Único consultorio d'esta especialidade.

Rugas, manchas, sines, verrugas, pontos, impingens, sinais das bexigas cicatrizes, uram-

com rapidez pelos processos mais modernos.—**SEIOS:** Desenvolvimento e enrijamento ou redução, por um processo completamente novo. Resultados seguros depois d'alguns dias de tratamento.—**CABELO:** Tratamentos científicos para fazel-o crescer e impedir a queda. Cura da calvice.—**MAÇAGENS MEDICAS:** Tratamentos especiais para a redução de qualquer parte do corpo.—**CURA CERTA DA OBESIDADE:** Tratamento completamente inofensivo para a saúde.—**MAGREZA:** Tratamentos efcazes por processos científicos.—**MANUCURE:** Tratamento das unhas e das mãos.—**TINTURAS** para o cabelo em todas as cores, dos melhores fabricantes.—**PRODUTOS DE BELEZA** de toda a contiacça e de resultados seguros. Todos estes tratamentos podem-se fazer em casa pela propria pessoa por meio dos nossos aparelhos e productos. Escrevei-nos o tratamento que desejaes, mandando uma estampilha de 40 réis e responder-lhes-hemos pela volta do correlo.

N.º et M.º Hilton, Directores. Especialistas diplomados peos melhores Institutos de Paris e Londres.

MADAME LAURENS

Sonambula. Esclarece o passado, presente e futuro e encarrega-se de qualquer trabalho. Garantia e seriedade absolutas. RUA DE S. PEDRO, 43, 2.º (ao Terreiro do Trigo). Enviar 150 réis para resposta.

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Academia Scientifica de Beleza

AVENIDA, 23 — LISBOA
— Telefone 3641 —

Produtos indispensaveis á toilette das senhoras
elegantes na presente estação

FARD Blanc de Beauté — Dá ao rosto mais moreno, pescoço e braços o branco das camélias.

CRÉME de Cisse — Verdadeiramente ideal para branquear as mãos, também se pôde usar no pescoço e braços.

CRÉME Esmalte — Superior para branquear o rosto, pescoço, braços e mãos.

AGUA Misteriosa (pó de arroz liquido) — Branqueia naturalmente a pele. Muito usado no pescoço por não sujar as golas. Para usar de dia.

CRÉME Imperatriz — Branqueia naturalmente a pele mais morena. Só se usa ao deitar.

Depositos em Lisboa: Salão Mimoso, rua Augusta, 282. Porto: Rua 31 de Janeiro, 234.

Resposta mediante estampilha.

O Tesouro dos cabelos

é só o

TONICO YILDIZIENNE

Que cura a calvice e faz recolorar sem pintar os cabelos brancos, em qualquer idade e em todos os casos. Cura a caspa, evita a queda e o embranquecimento; faz crescer os cabelos. A pigmentação é segura; mas faz-se lentamente porque esse tonico atua fisiologicamente e não mecanicamente como as tinturas.

Ha já bastantes curas tanto da calvice como da canice. Quem visitar esta Academia tem o prazer de ouvir as proprias clientes dizer o maximo que se pôde dizer d'este maravilhoso tonico.

Resposta mediante estampilha á

Academia Scientifica de Beleza

AVENIDA, 23 — LISBOA

TELEFONE 3641

DEPOSITOS EM LISBOA: — Rua Augusta, 282

PORTO: — Rua 31 de Janeiro, 234

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SÉCULO

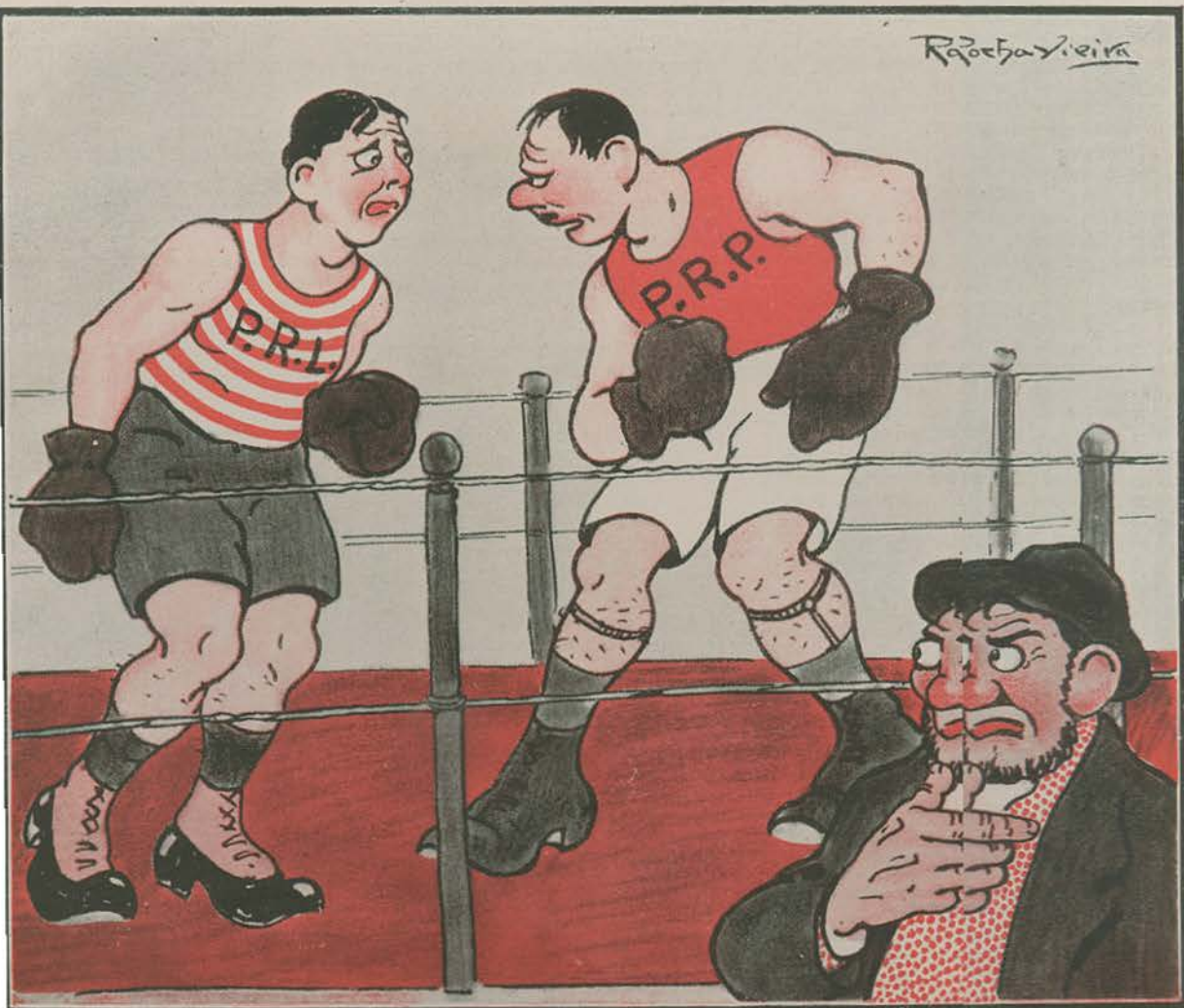


Director: AGACIO DE PAIVA

Propriedade de: J. DA SILVA ORACA, Limit.ª

Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

OS DOIS ATLETAS



O espectador:

—Ora queira Deus que n'esta luta entre o P. R. P. e o P.P. R. L. não seja eu quem apanhe alguma P.!



PALESTRA AMENA

Obras

Sim, senhores: assim é que é falar. O sr. Zeferino Chamusca fez ha oito dias, no salão nobre da Cruzada das Mulheres Portuguezas, perante uma lareira onde, em appropriada panela, fervia a bela hortaliça, a não menos bella carne de porco e outros ingredientes a que basta aludir ao de leve para que a agua nos cresça na boca, uma conferencia ácerca da cosinha portugêsa. Terminada esta, o cosinheiro Jesus—ih! Jesus! que rico cosinheiro!—fez ali mesmo, á vista do publico, certas frituras de comer e chorar por mais, e a cerimonia acabou pela distribuição das ditas a quem teve a felicidade de assistir.

Ora, está muito bem, repetimos. Obras e não palavras é o que se deseja, mas quando tal não possa ser, que as obras se sigam ás palavras, comprovando as asserções de quem palra, de modo que não fiquem duvidas sobre a sinceridade do orador e sobre os argumentos apresentados.

Ponham ali os olhos os cavalheiros que passam a vida a recitar frases, para seduzir o publico, que o seduzem realmente, mas que passadas as primeiras impressões ficam por mentirosos ou por inconscientes, porque a realidade não corresponde ao que disseram.

O sr. Chamusca disse que a cosinha portugêsa era de primeirissima ordem e provou-o, isto é, fez que os seus ouvintes a provassem; e então não houve quem não reconhecesse que o sr. Chamusca tinha razão, que não falava por falar, mas porque convinha que a verdade saida dos seus labios fosse aprendida pelos que o rodeavam. Imagine-se que todos os discursadores eram obrigados a fazer o mesmo, isto é, a demonstrar em seguida ao discurso que não se tratava simplesmente de palavra: que o politico, ao afirmar que o programa do seu partido endireitaria as finanças, fosse forçado a endireita-las em curto praso, sob pena de apanhar uma sova; que o padre pregador na igreja, ao aconselhar as obras de misericordia, tinha ali mesmo de dar de comer a quem soffresse de fome, de vestir os nus, etc.; digam-nos se tal sistema não traria inumeras vantagens sobre o habitual, que consiste em todos darem muitas sentenças, mas em recolherem a fala ao bucho logo que se lhes exige realisação? Trazia, evidentemente.

Chamuscas ha poucos, por infelicidade nossa, devendo ainda notar-se que este insigne explicador e fazedor de petiscos teve tambem a habilidade de não provar demasiadamente o que dizia; porque já lá dizia o outro, que o que *magis probat, nibil probat*; ele fez distribuir os piteus por Jesus, com conta, peso e medida, de modo que não houve indigestões. E aí tem mais

um ponto em que devem imita-lo os referidos teóricos, porque alguns, quando lhes dá para juntar a acção á palavra, não poucas vezes servem papanca de mais, de maneira que quem a absorve fica a abarrotar e até ás vezes rebenta.

Bemdito Chamusca!

J. Neutral.

Desmentido

Afinal de contas continuam excellentes as relações entre Portugal e a China, ao contrario do que correu.

Vê-se que os chinezes não estão dispostos a deixar cortar a coleta.

Peru velho!

Noticiaram os jornais que o Peru estava arrufadissimo e logo, como nos cumpria, fomos interrogar o interessado, que subia a custo a rua de S. Bento, incitado pela cana do guardador.

— Então você está zangado? perguntámos.

— Se lhe parece!...

— A imprensa assim diz; consta que você está como uma fera. Por quê? que lhe fez o Chile?

— Qual Chile nem meio Chile!

— Então não se trata da Republica sua vizinha?

— Homem! não me fale em politica!

— Então...

— Então, estou escamado porque o Natal ainda vem muito longe.



— E você deseja o Natal?

— Desejo: para pouca saude mais vale nenhuma.

— Quer dizer com isso?

O guardador interrompeu:

— Quer o peru dizer com isso que o milho está carissimo e que eu lhe dou o menos que posso.

— E' exacto, confirmou o galinaceo. Estou apenas com a pele e com o osso.

Ora assim, antes a morte.

— De modo que as noticias nos jornais...

— Patranhas. Se o Chile me mandar uma oitava de milho tem aqui um amigo para toda a vida!

Geometria parda

Deram as folhas da semana passada a noticia de que se podia importar assucar estrangeiro «em quadrados (cubos)».

Se calhar, são circulos bicudos.

Camisa lavada

Se ha pessoas que não podem ver uma camisa lavada ao parceiro, sem que a inveja, ou lá o que é, lhes cause engulhos, essas pessoas são os nossos vizinhos d'Alem-Guadiana. O nosso bom amigo e illustre artista Leal da Camara vestiu aquela camisa lavada da Aldeia Portugêsa na Flandres, e já os carambas anunciam que vão edificar uma aldeia espanhola na mes-



ma terra francêsa, por motivos que nos não revelam, mas que não podem deixar de ser fundados nas suas conhecidas simpatias pelos aliados durante a guerra, a que devem o estado prosperrimo em que a peseta se encontra.

A proposito, como ha dias falassemos no caso diante d'um espanhol, este declarou-nos que a nossa ao pé da aldeia espanhola fará tanta figura como uma pulga ao lado d'um elefante. E acrescentou:

— Não a fazemos maior, porque na Flandres não ha terreno que chegue para mais!

Torre de Chifre

Chegou a estação do outono
Com ela o triste sono
Das aves e arvoredos;
Já não ha o calor
Que no verã tinha o ardor
Dos mais recatados segredos.

Caem folhas amarelas,
Já não se vêem ás janelas
As raparigas jovias;
O ceu está escuro,
Secam as hervas do muro,
Os regatos soltam ais.

Voaram as andorinhas
Para longe, coitadinhas,
Deixaram os seus lares,
Vão cruzando o espaço
Mortinhas de canção,
Atravessando os mares.

Adeus, adeus estio,
Adeus bosque sombrio,
Adeus mimosa cecem!
Adeus, ponte rubra,
Adeus, principio de outubro
Até ao ano que vem!

Colmbra, 6-10-919.

J. GUEDES A. TORRES.



Fernão de Magalhães

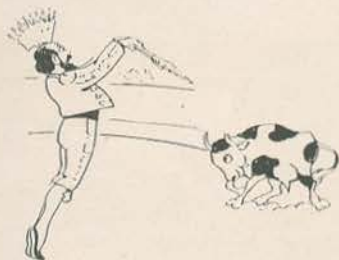
Aplaudimos com entusiasmo tudo o que se fizer para comemorar os feitos do ilustre navegador português Fernão de Magalhães, mas pedimos licença para observar a um colega diário, que disse que ele foi o primeiro homem que deu a volta ao mundo, que o referido cidadão tal não praticou, nem para conquistar a glória necessita de tal invocação. Saiu de Andaluzia, como se sabe, muito bem disposto, mas, depois de descobrir o Pacifico teve o mau gosto de visitar certas ilhas — estamos em crer que eram as Filipinas, a que poz o nome de S. Lazaro — e aí foi recebido com tanta simpatia pelos habitantes, que estes o serviram em postas assadas e assim o saborearam.

Foi o imediato, Sebastião del Cano, pessoa muito das nossas relações, quem regressou ao ponto da partida, pelo lado oposto ao da saída.

Nós cá em historia da geografia, somos assim,

Olé! olé!

Foi uma lindíssima festa a que o sr. Palha Blanco ofereceu nas suas propriedades de Vila Franca, a varios amigos e aficionados do toureio (nanja que tivéssemos sido convidados) e para nós teve o atrativo d'uma revelação: confessamos que não sabiamos que Santo Isidro fosse o patrono dos toiros, segundo se lê nas folhas que relataram a folia. Ou antes não sabiamos



que os toiros tivessem advogado na corte celeste, porque patrono outra coisa não é, e muito extranhámos que o tenham. Efectivamente, a não se supôr que Santo Isidro é bemaventurado de pequena importancia junto do Padre Eterno, que demónio de protecção é a que concede aos pobres bichos, que em Portugal os não livra das bandarilhas e em Espanha se não opõe á sorte de morte?

Advogado em qué? Estamos convencidos de que se interrogassemos o mais estúpido que fosse, dos interessados, isto é, dos cornupetos, ele preferia advogado cá da terra, ao que tem no ceu.

Em vista da surpresa, não nos custa a acreditar que as pulgas, os perceijos e todos os outros animalinhos a que o homem faz guerra, tenham santos defensores de suas pessoas e bens.



EM FOCO

Leal da Camara

Bonita idéa, meu amigo, creia!
E' bem de grande artista essa lembrança!
Não tenho até agora estado em França
Mas vou em se fazendo a tal aldeia.

Já me vejo a papar a bela ceia
Em casa do prior, de enorme paça;
Já me vejo a fazer meu pé de dança
Em desfolhada, á luz d'uma candeia...

Já me vejo a atirar-me á cachopada,
A render nos serões uma fineza
A' que melhor se porte á desgarrada,

E por fim já me vejo — que beleza! —
A apanhar do namôro uma paulada,
Rachando-me a cabeça, á portuguesa!

BELMIRO.

DE FÔRA

E pêras...

(A J. Neutral)

Eu acho bicudo o caso
Que se quer esclarecer,
E pêra... quem inventou?
Como se pôde saber?

Vem a nesp'ra do Japão,
A laranja vem da China,
De toda a parte, afinal,
Nos vem fruta muito fina.

A banana vem dí lá
E tambem o ananaz,
Mas e pêras...? Oh! ninguém
De responder é capaz!

Onde nasceste e brincaste
Misterio tão insondavel!
Quem sabe?! No Paraíso,
E' talvez muito provavel...

Quando o pae Adão comeu
O tal fructo prohibido,
Eva talvez outro... e pêras
Tivesse antes engulido...

Ignotus 2.º

Joana d'Arc n.º 2

Com o devido respeito somos a dizer que depois do celebre paralelo entre Gabriel d'Annunzio e Joana d'Arc, por ele proprio estabelecido, perdemos um pouco do entusiasmo que d'antes tinhamos pelos arrojos de imaginação do ilustre poeta. Agora, declara-se que ele afinal não esteve doente, de modo que

a sua afirmação de que estava a arder em febre quando uma voz celeste lhe gritou que corresse a Fiume era outro arrojão, tambem de duvidoso bom gosto.

Muito deve ter sofrido a pobre Duse com tais arrebatamentos!

Falta de manteiga

A gente habitua-se a tudo; ao principio estranha, já se sabe, mas com o decorrer do tempo acaba por conformar-se — não admiramos que d'aqui a pouco estejamos desacostumados de comer, como aquela besta que vossas senhorias conhecem

Pois sim, mas como nos faz muita falta a manteiga para a torradinha do almoço, logo que nos disseram que se tinha derretido, largámos á procura e



conseguimos arrarjar nas repartições dos diversos ministerios 2:145 quilos, dada por outros tantos empregados menores aos respectivos chefes. Quando gastarmos esta recorreremos aos succedaneos, que se encontram ai a cada passo: o sêbo, por exemplo, não falta quem o tenha para dar e vender e em ultimo caso recorreremos á manteiga de cacau, até agora só empregada no hemorroidal por não haver falta da outra.

Chamando turistas



O estrangeiro, para o cantoneiro:
—E' muito pitoresco o seu paiz. Quantos vulcões extintos, no meio das estradas!